

A ILHA DO VOVÔ

Benji Davies

© Benji Davies

Resenha

Toda criança que tem ou teve a chance de conviver com seus avós com certeza carrega boas recordações na memória. O cheiro da comida da vó, as brincadeiras com o vô, as conversas curiosas sobre outros tempos, ou mesmo as pequenas safadezas que não seriam possíveis na presença dos pais...

Com Syd e seu avô, personagens de *A ilha do Vovô*, não é diferente!

Ao retratar a delicada relação cultivada entre o menino e seu avô, Benji Davies apresenta-nos uma belíssima história que, com certeza, vai comover os pequenos leitores.

A narrativa parte de uma circunstância bastante comum: as visitas que o neto faz à casa de seu avô. Lá, Syd tem acesso a uma espécie de universo particular, em que objetos antigos, histórias e hábitos do avô povoam e fomentam o seu imaginário. Assim, sob o ponto de vista do garoto, inicialmente, somos convidados a experimentar as particularidades dessa relação, que é apresentada com imensa riqueza de detalhes também pelas ilustrações da obra.

Um dia, porém, em uma de suas visitas, Syd é surpreendido pela ausência do avô. Após diversas tentativas frustradas de encontrá-lo, quando já estava a ponto de desistir, ele finalmente escuta a voz do avô chamando-o para subir ao sótão. Syd nunca havia entrado lá...

A partir desse momento, a história se abre para o inesperado – e também para a fantasia. Como em um passe de mágica, as portas do sótão se transformam nas de um imponente navio, e os telhados das casas que os cercam, em um imenso mar a ser explorado.

Os dois partem assim para uma aventura que os levará ao encontro da ilha do Vovô, um lugar belo e leve, onde conversam,



Coordenação:
Maria José Nóbrega

brincam e são felizes. Como uma espécie de paraíso particular, a ilha acolhe-os em sua plenitude e familiaridade: seus animais, suas paisagens, tudo parece refletir a subjetividade e as referências ao Vovô, como se fossem a própria extensão dele.

O que poderia ser uma brincadeira ou um simples devaneio ganha uma súbita realidade quando o avô diz a Syd que não poderá voltar com ele para casa... Esse caminho cabe ao garoto e apenas a ele.

Assim, tomando a deixa dessa separação, o autor introduz com extrema delicadeza a possibilidade da morte do avô. Por intermédio da metáfora da ilha, a noção de morte ganha um contorno e uma linguagem muito acessíveis ao leitor infantil, que facilmente poderá se emocionar com o desenlace do livro.

O gosto de despedida deixado pela obra, entretanto, não retira a sua potência de reflexão. Ao contrário, *A ilha do Vovô* convida-nos a meditar sobre o amor e o tempo, sobre as relações de afeto e as lembranças compartilhadas em vida. Afinal, nada dura para sempre, de modo que nos cabe apenas valorizar e aproveitar o tempo que temos. A saudade dói, claro, mas dói porque estamos vivos.



Depoimento

De Cinthia Rodrigues,
jornalista e mãe

Toda criança que tem ao menos um avô querido se identifica com Syd, o menino de *A ilha do Vovô*. Ao contrário de uma “pessoa normal”, os avós costumam frequentemente ter ilhas, sejam elas de costumes de antigamente ou de espaços que transportam para outros mundos, como o sótão do vovô da obra de Benji Davies.

Ao passar pela porta que leva ao sótão, eles embarcam em uma aventura cheia de fantasias a partir da realidade. Os telhados viram mar, um barquinho em miniatura passa a ser um navio imponente e objetos antigos se transformam em coadjuvantes da jornada.

Os pequenos leitores percebem mais detalhes a cada nova leitura, vale voltar à página em que o

sótão aparece pela primeira vez e fazer uma brincadeira de relacionar cada coisa com o papel que ela ganha nas ilustrações seguintes. Aqui em casa, meus filhos não reconheceram alguns objetos, como o gramofone, o que também gerou aquela conversa sobre como hábitos e equipamentos mudaram desde os tempos dos avós. Eles se lembraram de outras peças que viram nas casas dos próprios avós e planejaram viagens no tempo nas próximas visitas.

Quem já teve um avô que se foi, da vida ou para longe, deve se emocionar com o final. O Vovô resolve ficar na ilha em que viveram a aventura, ou seja, na fantasia. Todos se despedem e Syd volta sozinho por um mar bem mais escuro, em que agora quem está ao leme é ele. É uma boa deixa para falar de sentimentos importantes, como saudade, e compartilhar lembranças de pessoas queridas.

O final é enigmático e daqueles que convidam à continuação. Meus filhos resolveram enviar uma resposta à carta com notícias do avô. Um se



preocupou em contar como está bem, outro pediu mais informações e prospectou uma visita.

Dias depois da leitura, quebrei um momento de tédio dando vida a objetos da sala e meus filhos notaram a senha. Partimos em uma viagem inspirada na do livro. Parece que não são só os vovôs que podem ter ilhas.

Um pouco sobre o autor

Benji Davies nasceu no Reino Unido, em 1980. Após estudar animação na universidade, trabalhou em diversas ramificações da área, criando livros de imagem, animações para vídeos de música, entre outros. Seu primeiro livro, *The storm whale*, ganhou o Prêmio Oscar de Primeiro Livro (*Oscar's First Book Prize*), em 2014. *A ilha do Vovô*, sua segunda produção, também foi amplamente premiada, recebendo o *AOI World Illustration Awards*, na categoria infantil, e o *Sainsbury's Children's Book Awards*, na categoria

Livro Infantil do Ano, ambos em 2015. Atualmente, Benji Davies vive com sua esposa Nina em Londres, onde trabalha como autor, ilustrador e diretor de filmes de animação.

Leia Mais

Do mesmo gênero ou assunto

- ✦ *O coração e a garrafa*, de Oliver Jeffers – São Paulo: Salamandra.
- ✦ *A família de Marcelo*, de Ruth Rocha – São Paulo: Salamandra
- ✦ *Meu pai é uma girafa*, de Stephen Michael King – São Paulo: BrinqueBook
- ✦ *Um avô e seu neto*, de Roseana Murray – São Paulo: Moderna
- ✦ *A carta de Hugo*, de Tom Percival – São Paulo: Salamandra